ESTADO DE MINAS

Belo Horizonte, 08 de julho de 2007

PESQUISA

CLÁUDIO LACERDA lança disco que faz as vezes de um almanaque da música caipira do Brasil

Alma de **sertanejo**

EDUARDO TRISTÃO GIRÃO

ISAUMIR NASCIMENTO/DIVULGAÇÃO

Cláudio Lacerda sempre gostou do campo. Tanto que se especializou em zootecnia e passou a trabalhar como consultor de fazendas leiteiras. "Nutricionista de vaca", brinca. Foi assim durante nove anos, até que resolveu chutar o balde e assumir a carreira de músico, em 2000. Até então, tocava em bares, para ajudar a pagar despesas domésticas. Com *Alma caipira*, seu segundo disco, esse paulistano com alma interiorana (é assim que ele justifica o título) reafirma sua paixão pela música sertaneja tradicional. Ao contrário do disco de estréia, *Alma lavada* (2003), agora ele deixa de lado o compositor, para investir em regravações.

"O jornalista e pesquisador Luís André do Prado e eu tivemos a idéia de fazer um almanaque da música caipira no Brasil. A pesquisa ficou interessante e resolvemos gravar esse disco. Quisemos representar várias décadas e ritmos, além de temas, como humor, romance, relação com animais, religiosidade e a questão da terra. Todo aquele enaltecimento ao modo de vida no campo", conta Cláudio. "Não pegamos sucessos, mas, sim, músicas mais esquecidas. Muitas delas tiveram só uma gravação original há mais de 50 anos", completa.

Como o principal objetivo do disco é homenagear, o músico canta e toca violão e viola em 16 músicas dos autores Tião Carreiro, Angelino de Oliveira, Mário Zan, Serrinha, João Pacífico, Raul Torres e Elpídio dos Santos, entre outros. As músicas foram selecionadas a partir de um universo de aproximadamente 3 mil obras pesquisadas. "A música sertaneja de raiz está esquecidinha, especialmente nas grandes cidades. No interior, o povo ainda gosta muito", diz.

A única faixa que tem interferência direta (excetuando-se arranjos) de Cláudio é *O pobre e o rico*, poema de Cornélio Pires, no livro *Conversas ao pé do fogo*, de 1921. Com Sérgio Penna, o artista musicou os versos em pagode de viola: "A perna de moça rica é bonita e tem grossura; / cambito de moça pobre perde inté pra saracura. / Na boca de gente rico é oro na dentadura; / na boca de gente pobre é fechada noite escura...". De Tonico e Piraci, gravou *Vida cabocla*; de Tião Carreiro e Lourival dos Santos, *Navalha na carne*; de Elpídio dos Santos, *Rede de taboca*; de Angelino de Oliveira, *Encruzilhada*; de Teddy Vieira e Moacyr dos Santos, *Ladrão de terra*; de Nonô Basílio, *Onde canta o sabiá*; e de Serrinha e Geraldo Costa, *Do que eu mais gosto*.

POESIA "Conheci e me surpreendi com essas músicas. Não esperava encontrar tanta poesia e musicalidade em músicas tão simples", admite. Produção bem cuidada, o encarte do disco é ilustrado com belas fotos de cenas rurais e conta com letras, fichas técnicas e informações sobre todos os compositores homenageados. A pesquisa necessária para a realização de *Alma caipira* satisfez também a curiosidade pessoal de Cláudio sobre o universo da música sertaneja tradicional. "É fácil fazer esse tipo de música porque me dá prazer. O mercado é restrito, mas existe", explica.

"Talvez, por eu não ter aquela voz aguda, tipo Tinoco, a música fique desanuviada do estereótipo caipira. Mas é a mesma canção. Em São Paulo, meu público é formado por gente acima de 40 anos, geralmente. Há muitos músicos e uma molecada que está aprendendo a tocar viola, além de gente que nunca se interessou por esse tipo de música", observa. Ainda que atraia jovens a seus shows, Cláudio não acredita que esteja promovendo a renovação do segmento caipira. "Vejo renovação principalmente com a viola caipira. Estão aparecendo coisas interessantíssimas. Isso me deixa muito feliz, pois com ela chega uma porção de outras coisas relacionadas ao universo do campo", afirma.